



RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.

ISSN 2594-8806

Ano 5, Vol. V, Número 1, jan- jun, 2021, p. 101-121.

A SOCIEDADE DO CONHECIMENTO COMO AGENTE POTENCIALIZADOR DE NOVAS PAUTAS ENTRE O ENSINO SUPERIOR E O MERCADO DE TRABALHO. UM DIÁLOGO ABERTO. UM DESAFIO CONTEMPORÂNEO.

Shyrlei Guitério Calmon Du Pin

Resumo

Este ensaio buscou investigar a Sociedade do Conhecimento como agente potencializador de novas pautas entre as instituições de Ensino Superior e o mercado de trabalho. Adota-se a pesquisa bibliográfica como metodologia para refletir sobre o emergente cenário observado na tessitura das relações entre o ensino e o trabalho. Vínculos que atravessam os séculos e sofrem transformações ao longo da história. Testemunha-se uma transformação significativa do mercado de trabalho. A mão de obra operária, com seus movimentos repetitivos, da era industrial, é esvaziada pelas exigências decorrentes das novas linhas produtivas que desenham na atualidade. A transição acelerada entre o mundo concreto, industrial para o domínio do imaterial, do intangível, obriga a formação de um novo perfil de profissional, e, igualmente, exige uma revisão nas práticas de ensino. As universidades como espaços de trocas de saberes e experiências devem estimular a formação de sujeitos mais críticos e mais reflexivos, capacitados para o jogo competitivo do mercado global. O novo capitalismo cobra uma mão de obra, cada vez mais, especializada, inovadora e flexível. Razões que fortalecem a necessidade de uma relação dialógica entre as instituições de Ensino Superior, o mercado de trabalho e a sociedade. Um diálogo aberto, que não se encerra com pequenas conquistas. Um diálogo plural que contemple múltiplas vozes. Um diálogo que busque amalgamar saberes para a compreensão das novas pautas que emergem na Sociedade do Conhecimento que revelam, apressadamente, transformações sociais, culturais, econômicas e políticas. Um desafio contemporâneo.

Palavras-chave: sociedade do conhecimento, ensino superior, mercado de trabalho, globalização, avanços tecnológicos.

Resumen

Este ensayo buscó investigar la Sociedad del Conocimiento como agente potenciador de nuevas pautas entre las instituciones de Educación Superior y el mercado laboral. Se adopta la pesquisa bibliográfica como metodología para reflexionar sobre el escenario emergente observado en la organización de las relaciones entre la enseñanza y el trabajo. Hay una transformación significativa del mercado laboral. La fuerza laboral de los trabajadores con sus movimientos repetitivos, de la era industrial, se desvanece por las demandas resultantes de las nuevas líneas de producción que se dibujan en la actualidad. La transición acelerada del mundo industrial físico al dominio de lo inmaterial, lo intangible, requiere la formación de un nuevo perfil profesional e, igualmente, exige una revisión de las prácticas de enseñanza. Las universidades como espacios para el intercambio de conocimientos y experiencias deberían estimular la formación de sujetos más críticos y reflexivos, calificados para el juego competitivo del mercado global. El nuevo capitalismo exige una fuerza laboral cada vez más especializada, innovadora y flexible. Razones que fortalecen la necesidad de una relación integrada entre las instituciones de educación superior, el mercado laboral y la sociedad. Un diálogo abierto, que no termina con pequeños logros. Un diálogo plural que contemple múltiples voces. Un diálogo que busca amalgamar el conocimiento para comprender las nuevas pautas que emergen en la Sociedad del Conocimiento, que revelan precipitadamente las transformaciones sociales, culturales, económicas y políticas. Un desafío contemporáneo.

Palabras-clave: sociedad del conocimiento; educación superior; mercado laboral; globalización; avances tecnológicos.

Introdução

Este ensaio busca investigar a Sociedade do Conhecimento como agente potencializador de novas pautas entre as instituições de Ensino Superior e o mercado de trabalho. Este artigo elegeu a pesquisa bibliográfica como metodologia para refletir sobre o emergente cenário observado na tessitura das relações entre dois importantes fenômenos sociais, o ensino e o mercado laboral. Vínculos que atravessam os séculos e sofrem transformações ao longo da história.

Desvelam modos de inquietações que encorajam o questionamento das demandas que assomam na contemporaneidade, em que o valor das atividades laborais se afasta, gradativamente, dos movimentos mecânicos, repetitivos, materiais e cede lugar para as operações imateriais, com base no conhecimento e na informação, que exigem novas habilidades e constante especialização. Observa-se a necessidade na formação de um novo perfil profissional para acompanhar os critérios impostos pelo mercado de trabalho.

A informação configura-se como base significativa da sociedade e espelha novas dinâmicas sociais, econômicas, culturais e políticas. Para Castells (1999, p.51) “Essa nova estrutura social está associada ao surgimento de um novo modo de desenvolvimento, o informacionalismo, historicamente moldado pela reestruturação do modo capitalista de produção, no final do século XX”. Revelam-se novos contextos que despertam a urgente necessidade de um diálogo aberto entre sociedade, universidade e mercado laboral.

Esta investigação visa conceituar as principais características da Sociedade do Conhecimento, aliadas as emergentes necessidades das práticas de ensino nas universidades e das atuais exigências do mercado de trabalho. A influência dos avanços tecnológicos digitais, provocados pela Revolução da Tecnologia da Informação e Comunicação – TICs, somadas aos efeitos da globalização também integraram esta pesquisa.

A forte presença da tecnológica no cotidiano dos homens, está reconfigurando as formas de expressão, de comunicação e de compartilhamento de ideias e saberes, cenário

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. **ISSN 2594-8806**

que favorece a busca de conhecimentos e experiências. Segundo Prado *et al.* (2005, p.47), este novo modelo “sugere a criação de novos fluxos de informação baseados em um regime de troca direta e recíproca que, por sua vez, se fundamenta na capacidade cada vez maior de produção através das novas tecnologias de informação e comunicação (TIC)”. Ambientes que podem contribuir para o desenvolvimento de práticas de ensino necessárias para uma nova era.

O ensino e o mercado de trabalho reservam uma grande ligação, são termos distintos que, frequentemente, se apresentam de maneira articulada. Entretanto, verifica-se que, em grande parte, as instituições de ensino estão sedimentadas para uma outra época, organizada para atender as exigências de um mundo industrial no lugar de responder as exigências de uma era informacional. A transição do domínio concreto para o imaterial exige uma nova formação profissional.

Estudos sobre a relação entre o ensino e o mercado de trabalho são fortemente explorados visto o universo de temáticas diferenciadas que demandam por investigações. Verifica-se uma grande riqueza de temas que se atualizam a partir do imbricado vínculo entre o homem, o trabalho e os desafios sociais. Mills (2003, p.24), alerta que “A história que agora afeta todos os homens é a história do mundo”. Um mundo tecnológico e global que sinaliza a passagem de um mundo padronizado, uniforme, concreto e industrial para um mundo informacional, descentralizado, digital, que marcha, aceleradamente, em direção a novas representações culturais, e, configuram o mundo social a partir das suas próprias regularidades.

Desenha-se um novo cenário que sedimenta novas linhas de tensões entre os homens na contemporaneidade, pautadas pelos novos desafios da complexa agenda social. Questões que postulam por estudos constantes.

1. Sociedade do Conhecimento - explosão dos fluxos informacionais

Vivencia-se a Sociedade do Conhecimento, consequência da explosão informacional, caracterizada, sobretudo, pela aceleração dos processos de produção e de disseminação da informação e do conhecimento. Reconhecida pelo elevado número de

atividades produtivas que dependem da gestão de fluxos informacionais, aliado ao uso intenso das novas tecnologias de informação e comunicação. Segundo Castells (1999, p.119) “Uma nova economia surgiu em escala global no último quartel do século XX. Chamo-a de informacional, global e em rede para identificar suas características fundamentais e diferenciadas e enfatizar sua interligação”. O predomínio da informação, em movimentos acelerados e em rede, promove grandes transformações na economia global.

A Sociedade do Conhecimento, vinda da expressão globalização, é fundamentada pela intensiva aplicação das tecnologias da informação e comunicação e pela interação predominantemente digital entre os indivíduos e as organizações. De acordo com Werthein (2000, p.71) “A expressão Sociedade da Informação passou a ser utilizada, nos últimos anos desse século, como substituto para o conceito complexo de ‘sociedade pós-industrial’ e como forma de transmitir o conteúdo específico do novo paradigma técnico-econômico”. Também chamada de Informacionalismo, esta nova configuração de sociedade, encontra-se em processo de formação e expansão e tem provocado debates envolvendo cientistas sociais, economistas e políticos.

No fim do segundo milênio da Era Cristã, vários acontecimentos de importância histórica transformaram o cenário social da vida humana. Uma revolução tecnológica concentrada nas tecnologias da informação começou a remodelar a base material da sociedade em ritmo acelerado. Economias por todo o mundo passaram a manter interdependência global, apresentando uma nova forma de relação entre a economia, o Estado e a sociedade [...]. (CASTELLS, 1999, p.39).

Esta nova ordenação vem produzindo um novo desenho para a sociedade contemporânea, alterando, violentamente, a economia, a geografia, a história e a política global. Transformações que provocam diferentes caminhos, ainda não estabilizados, Giddens (2003, p.17), alerta que “Vivemos num mundo de transformações [...]. Para bem ou para mal, estamos sendo impelidos rumo a uma ordem global que ninguém compreende plenamente mas cujos efeitos se fazem sentir sobre todos nós”. Mudanças cristalizadas pelos avanços tecnológicos digitais. Uma era sustentada pelo imaterial que se espalha, aceleradamente, por todo o globo.

Comparando, brevemente, as diferenças existentes entre a Revolução Industrial e a Revolução da Tecnologia da Informação e Comunicação, destaca-se que na Revolução Industrial o foco era a produção sistematizada, o tangível, o produto, a fábrica, a força da mão de obra humana. Na Informacional a ruptura é sustentada pelo intangível, pela ideia, pela virtualidade, pela velocidade das transmissões. De acordo com Sodré (2002, p.13) “Se a Industrial centrou-se na mobilidade espacial, a da Informação centra-se na virtual anulação do espaço pelo tempo, gerando novos canais de distribuição de bens e a ilusão da ubiquidade humana”. (p.13). Um cenário totalmente distinto, uma nova representação do tempo e do espaço. Velocidade, flexibilidade e complexidade representam os movimentos do informacionalismo.

Somado a estas questões, vale sublinhar, que o crescente desenvolvimento tecnológico provocou a quebra de fronteiras possibilitando a interação entre diversas regiões e países, aproximando culturas, crenças e tradições. Um novo cenário em que o papel central da informação e do conhecimento aditado ao crescente processo de globalização conformam novas dinâmicas sociais, culturais, econômicas e políticas. Segundo Castells (2002, p.93) “A globalização e a informacionalização, determinadas pelas redes de riqueza, tecnologia e poder, estão transformando nosso mundo [...]”. Fenômenos globais que professam distintos conceitos que se ocupam, aceleradamente, da vida em sociedade. Neste sentido, cabe destacar o alerta pronunciado por Lema (2000, p. 11) “já estamos caminhando para um novo modelo. A sociedade que se organiza, denominada sociedade do conhecimento, se mundializa de uma maneira profundamente desigual”. (p.11). Questões que ampliam a desigualdade já tão presenciada no mundo que atijam constantes desafios na esfera social. Verifica-se a premente necessidade do desenvolvimento de ações robustas que possam vencer os obstáculos que despontam a partir do novo cenário global.

Segundo Bauman (1999, p.7) “Para alguns, ‘globalização’ é o que devemos fazer se quisermos ser felizes; para outros, é a causa da nossa infelicidade. Para todos, porém, ‘globalização’ é o destino irremediável do mundo, um processo irreversível [...]”. Observa-se que o termo globalização gera um grande contraste conceitual, visto as

simultâneas perspectivas estruturais dos processos de integração e de fragmentação possibilitadas pelos contínuos movimentos globais.

Esta inconsistência conceitual pode ser justificada por Canclini (2007, p.44) quando ensina que “Para dizê-lo de maneira mais clara, o que se costuma chamar de ‘globalização’ apresenta-se como um conjunto de processos de homogeneização e, ao mesmo tempo, de fragmentação articulada do mundo que reordenam as diferenças e as desigualdades sem suprimi-las”. Marcas conflitantes da globalização e da Sociedade do Conhecimento passam a compor os debates da sociedade contemporânea.

Hirsch (1996, p.83), entra neste debate quando reforça que o fenômeno da globalização é interpretado de diferentes formas, este autor salienta que “Para uns contém uma promessa de um mundo melhor e mais pacífico; para outros, se vincula com a ideia de um caos global”. A globalização não encerra uma única teoria, em verdade, observa-se uma ambivalência de conceitos que se enfrentam e fundam distintas ordenações que se espalham a partir da interligação do mundo. Uma crescente diversificação e fragmentação das relações de força e poder. Um mundo mais amplo e conectado, um mundo em processo de transformação provocado pelos acelerados fluxos informacionais que caracterizam a sociedade contemporânea.

2. Ensino Superior – espaços de trocas, saberes, valores e experiências

A sociedade define valores, identidades e comportamentos, representa um sistema de interações humanas culturalmente padronizadas. São fontes de representações simbólicas e geram significados de pertencimento. Para Durkheim (1983, p.245) “Uma sociedade é o mais potente feixe de forças físicas e morais de que a natureza nos oferece o espetáculo. Em parte alguma se encontra tal riqueza de materiais diversos, levados a um tal grau de concentração”. Um sistema de forças dominantes amparadas no reconhecimento do interesse coletivo, na comunhão de um objetivo comum. A sociedade segue o rumo da história. Sofre, provoca e impõe constantes transformações. Mudanças sociais que interferem diretamente no papel da educação. A sociedade e a educação se completam. Destaca-se que educação é um processo social que envolve intimamente aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos.

Na presença dos avanços tecnológicos e das exigências impostas pela globalização e pela Sociedade do Conhecimento a educação apressa-se em rever o seu papel na sociedade. A constante e vertiginosa busca de novos horizontes se faz cada vez mais necessária. Lema (2000, p.11), reforça que “Na sociedade que emerge, a educação representa, mais que em outras épocas, é o bilhete único de entrada para o futuro”. Transformações necessárias em todos os níveis do ensino, entretanto, este ensaio obedece ao recorte do Ensino Superior.

Acredita-se que para iniciar esta análise se faz necessário trazer à tona contribuições de três clássicos autores, que, em alguns eventos, não focalizaram diretamente questões alusivas ao ensino, mas, suas lições prestam grande valor para elucidar temas centrais da relação entre sociedade e educação. Esta vertente encontra eco nos trabalhos de Rojas-León (2014, p.49), quando este autor realça que “a educação ocorre em múltiplos cenários e sua realidade é uma pluralidade de situações e sob diferentes circunstâncias. [...] é por isso que é importante observá-la de uma perspectiva histórica”. Neste sentido, relaciona-se a seguir uma breve passagem dos ensinamentos de Karl Marx, Emile Durkheim e Max Weber.

De acordo com Rojas-León (2014) Marx destaca o fator ideológico da educação e da escola através da dominação e da reprodução das condições de produção e da marginalidade que sofre a classe operária. A educação como função de reproduzir a estrutura hierárquica da sociedade. Pode-se reconhecer em seus ensinamentos que a educação e a escola são produtos de uma superestrutura da sociedade capitalista visando manter a burguesia no poder. Para Durkheim, a educação representa o currículo, tanto oficial como oculto, pois se enfoca tanto nos conteúdos disciplinares como nos valores morais. Para imprimir nos estudantes os princípios morais se utilizavam da disciplina escolar e castigos. Durkheim, tanto em suas obras acadêmicas quanto na sua carreira de docente combinou os estudos de sociologia com os estudos sobre a educação. Esse autor defende que a educação e o sistema educativo respondem a necessidades eminentemente sociais. Weber busca o caminho em que a educação intervém na sociedade através da divisão social em classes e estamentos sociais. Ainda para esse autor a educação é um

sistema de legitimação e domínio. Contribuições que afirmam a importância histórica da relação entre indivíduo, educação e sociedade.

As universidades representam a garantia da continuidade do processo de ensino e aprendizagem. Devem reforçar e orientar a livre manifestação do pensamento, o intercâmbio de ideias, a liberdade de expressão e a multiplicidade de conhecimentos. Segundo Freire (1981, p.20) “A educação, qualquer que seja o nível em que se dê, se fará tão mais verdadeira quanto mais estimule o desenvolvimento desta necessidade radical dos seres humanos, a de sua expressividade”. Verifica-se que as práticas de ensino, em qualquer nível, têm como obrigação encorajar a expressão e a disseminação de saberes entre os homens.

É necessário reconhecer que os avanços tecnológicos promoveram novas aplicações para o universo acadêmico. Educação à distância, ambientes virtuais de aprendizagem, bibliotecas digitais, trocas de conhecimentos através de interações *online*, já são comuns no cotidiano dos indivíduos. Os ambientes digitais fornecem uma irrefreável expansão da liberdade de expressão, um ambiente aberto que favorece a construção colaborativa de um vasto e diversificado ambiente interativo de aprendizagem e conhecimento. Identifica-se também o progresso na formação de ambientes geradores de empreendimentos, como escritórios modelo, laboratórios experimentais, incubadoras e aceleradoras. Espaços que estimulam a inovação e o empreendedorismo.

As instituições educacionais, que, historicamente, foram estruturadas com base em modelos educacionais estáveis, necessitam imprimir, urgentemente, um novo molde, articulado as necessidades atuais. Para Sodré (2002, p.91) “O que estamos buscando acentuar é que toda educação hoje nos obriga a levar em conta a mudança crucial na vida das sociedades em consequência de mudanças no modo de acumulação do capital e no modo de relacionamento simbólico com o real, isto é, na cultura”. Alterações que reforçam a necessidade de encorajar o alastramento de novas práticas, novas habilidades, novas competências. Uma renovação da gestão do ensino, visando promover a efetivação de projetos inovadores de pesquisas com o objetivo de diminuir o hiato existente entre as demandas do mercado laboral e os serviços educacionais disponibilizados nas universidades.

Ottone (2006, p.8), destaca que “Trata-se, então, de gerar uma educação que prepare pessoas para um processo produtivo de mudanças, menos hierarquizado e mais baseado em uma organização de redes, com carreiras não lineares e cujas fronteiras não sejam as de um país, mas do mundo, [...]”. Reformas educativas mais abertas e consistentes, fundadas na construção de grades curriculares direcionadas para atender as reais necessidades de uma sociedade global, em que as imposições nascentes exigem a constante busca de novos conhecimentos e novas habilidades.

Vale ressaltar que Weber (2009, p.29) já alertava sobre a necessidade do homem desenvolver habilidades para se adaptar as regras do sistema capitalista, para esse autor “Assim, o capitalismo atual, que passou a dominar a vida econômica, educa e escolhe os indivíduos de que tiver necessidade por um processo de sobrevivência econômica do mais apto”. Contexto que guarda semelhança com as imposições atuais do mercado laboral. Castells (2003, p.211) ilustra esta questão, quando ensina que “Se há um consenso acerca das consequências sociais do maior acesso à informação é que a educação e o aprendizado permanente tornaram-se recursos essenciais para o bom desempenho no trabalho e no desenvolvimento pessoal”. Para acompanhar as exigências do mercado, recriadas a cada nova experiência, o homem necessita desenvolver constantemente novas competências. Quanto maior esforço, capacitação e conhecimento maior poderá ser a possibilidade do indivíduo atuar no complexo mercado de trabalho.

Igualar oportunidades na educação, transformar os processos de aprendizagem nas instituições de ensino, adaptar as competências que são transmitidas na educação para novos e dinâmicos requisitos de trabalho, educar para a cidadania, contribuir para a competitividade e a inserção das economias no mundo globalizado são alguns dos desafios que o sistema educacional enfrenta na sociedade do conhecimento . (OTTONE; HOPENHAYN, 2007, p.13).

Observa-se que o sistema de ensino guarda uma nova agenda. Como importante vetor para o desenvolvimento socioeconômico e cultural se faz necessário um diálogo estreito entre as práticas de ensino e as exigências inerentes de uma sociedade em transformação. Uma ponte entre o mundo industrial e o mundo informacional.

3. Mercado de Trabalho – especialização, inovação e flexibilização

A representatividade simbólica do trabalho atravessa a história da sociedade. Caracterizado como elemento central na vida do homem, o trabalho desempenha um papel de destaque na construção das relações sociais. Através do trabalho o homem produz seus meios de vida, é a atividade básica que constitui a formação da identidade do sujeito social. Conflitos e dependências permeiam a relação entre o trabalho e o homem. Terssac (2005, p.121) sublinha que “o trabalho é uma fonte de identidade individual e coletiva. O trabalho é um fato social que ocupa um lugar importante na vida dos indivíduos, mas também na sociedade, porque afeta as instituições”. Identifica, seleciona e classifica, o trabalho revela-se como um fator crucial na composição da vida cotidiana dos indivíduos, da sua origem primeira, restrito a necessidade de sobrevivência, ao irrefreável mundo globalizado.

O novo capitalismo cobra uma mão de obra, cada vez mais, especializada, inovadora e flexível. Estruturas sociais e organizacionais sofrem abalos e buscam, avidamente, compreender o novo cenário. Castells (1999, p.265) ensina que “A transformação tecnológica e administrativa do trabalho e das relações produtivas dentro e em torno da empresa emergente em rede é o principal instrumento por meio do qual o paradigma informacional e o processo de globalização afetam a sociedade em geral”. Exige-se um novo perfil de trabalhador para atender as exigências de um novo formato de empresas. De Masi (2010) sublinha que, atualmente, a padronização e a estrutura piramidal, hierárquica, aplicada durante anos pelas indústrias estão enfrentando uma dura batalha com novos sistemas organizativos, mais ágeis, flexíveis e motivadores. Para esse autor:

Em poucos anos, a partir da Segunda Guerra Mundial, passou-se da sociedade industrial – centrada na produção em série de bens materiais – à sociedade pós-industrial – centrada na produção de bens não-materiais (informações, símbolos, estética, valores). Paralelamente, o poder passou dos proprietários dos meios de produção aos proprietários dos meios de criação. O advento pós-industrial provocou um profundo corte epistemológico, isto é, uma visão totalmente inédita da sociedade, da vida, do progresso, dos métodos para compreender e agir. Entre quem já

saltou para o novo e aquele que ainda se mantém no velho vai-se interpondo um abismo intransponível. (DE MASI, 2010, p.64-65).

Razões que intensificam a compreensão do emergente formato do mundo do trabalho. Mudanças relevantes que postulam um novo perfil de trabalhador. De acordo com Friedman (2009, p.259) “O que é realmente necessário é que todo mundo acorde para o fato de que está acontecendo uma mudança drástica na nossa maneira de trabalhar. Todos precisarão se aprimorar, todos terão de ser capazes de competir. Teremos um único mercado global”. A busca do conhecimento se faz presente. Exige-se o desenvolvimento de novas habilidades e competências que precisam ser renovadas constantemente. Morin (2001, p.81) acentua que “A história avança, não de um modo frontal com um rio, mas por desvios que decorrem de inovações ou de criações internas, de acontecimentos ou acidentes externos”. O caminho a ser vencido não é linear. Verifica-se que princípios sólidos e enraizados em tempos de uma sociedade industrial, são, aceleradamente, substituídos por novos formatos, mais ágeis, mais flexíveis e imaterial.

Sodré (2002, p.199) reforça que “tudo se direciona para curta duração. Objetos, valores, identidades passam a existir num quadro de rápida obsolescência, [...]. Passado e presente são recalcados e substituídos pelo domínio do futuro”. Novas práticas, novas perspectivas. Se estabelece o jogo da competitividade global e em rede.

A volatilidade e a incerteza do mercado sedimentam o crescimento de novas configurações empresariais e laborais, que encontram nos avanços tecnológicos, o seu sustento. As organizações se apressam em desenvolver vantagens competitivas para os seus negócios. Sennett (2006, p.50) destaca que “O desenvolvimento linear é substituído por uma predisposição mental capaz de permitir a livre circulação. [...] A organização incha e se contrai, empregados são atraídos ou descartados à medida que a empresa transita de uma tarefa a outra”. O antigo comprometimento com a força produtiva do trabalho não é mais verificado como outrora. Observa-se a tendência de contratação de trabalhadores autônomos, *freelancers*, para o desenvolvimento de tarefas específicas. Enfraquece o vínculo empregatício.

Para Bauman (1998, p.113) “No jogo da vida dos homens e mulheres pós-modernos, as regras do jogo não param de mudar no curso da disputa. A estratégia sensível, portanto, é manter curto cada jogo [...]. Não se ligar a vida a uma vocação apenas”. Alertas necessários para a proteção da mão de obra trabalhadora.

O acesso ao conhecimento científico e técnico sempre deve importância na luta competitiva; mas, também aqui, podemos ver uma renovação de interesse e de ênfase, já que, num mundo de rápidas mudanças de gostos e necessidades e de sistemas de produção flexíveis (em oposição ao mundo relativamente estável do fordismo padronizado), o conhecimento da última técnica, do mais novo produto, da mais recente descoberta científica, implica a possibilidade de alcançar uma importante vantagem competitiva. O próprio saber se torna uma mercadoria-chave, a ser produzida e vendida a quem pagar mais, sob condições que são elas mesmas cada vez mais organizadas em bases competitivas. (HARVEY, 2013, p.151).

Manifestam-se novas variáveis, surgem novos domínios que são processados e alaistrados rapidamente, cobrando respostas imediatas do trabalhador que não descansa na busca e renovação do conhecimento. Um movimento contínuo. Nesta esteira, vale destacar que segundo Canclini (1998, p.356;357) “Os jovens que entram no mercado de trabalho são avisados de que têm que deixar sua vida passada [...] e dedicar-se a outra coisa. As velhas profissões, ao massificar-se, já não servem para garantir o futuro dos indivíduos”. O desafio é buscar maior nível de qualificação para um mercado em que as principais demandas ainda estão obscuras. O desenho a ser seguido pelo mercado laboral do futuro ainda está em criação.

Verifica-se a relevância da inovação como elemento fundamental para o progresso. As práticas de inovação precisam ser consideradas como os principais vetores estratégicos para as organizações. Já não existe lugar para as relações funcionais burocráticas, fechadas e hierarquizadas. É premente a necessidade de incentivar novas descobertas. Para Lema (2003, p.11) “A geração de conhecimento científico e técnico não é uma atividade exclusivamente acadêmica”. Esse autor enfatiza a necessidade de “uma nova dinâmica, interagindo com os centros de ensino, as empresas, os laboratórios, as agências de financiamento, os órgãos governamentais e integra o chamado sistema

nacional de inovação”. (p.11). Observa-se que para gerar um ambiente de inovação é necessário um conjunto de forças. Uma tarefa contínua e desafiadora.

Neste sentido, Tapscott e Williams (2007, p.191) enfatizam que “A capacidade da humanidade de gerar novas ideias e conhecimento é a fonte da arte, da ciência, da inovação e do desenvolvimento econômico. Sem ela, os indivíduos, as indústrias e as sociedades estagnariam”. Constata-se a mestria do homem para a composição de saberes que impulsionam a sociedade em direção ao futuro, novas ideias, novos rumos, novos sentidos se fazem obrigatórios. Inovações que irrompem no cerne das estruturas sociais, culturais, econômicas e políticas que provocam grandes transformações na vida do homem e das organizações.

Vale ressaltar o ensinamento, de longa data, de Durkheim (1983. P.10), quando reforça que “não há instituição que em um dado momento não degenere, seja porque não sabe mudar a tempo e se imobilizar, seja porque se desenvolve em um sentido unilateral, excedendo em algumas de suas propriedades: o que a torna inábil para fazer os próprios serviços dos quais ela tem o encargo”. As organizações que não conseguem, padecem e são eliminadas do jogo dos negócios. É patente a necessidade de acompanhar as transformações exigidas na contemporaneidade.

4. A tessitura entre o informacionalismo, a educação e o trabalho

Sociedade, ensino e mercado de trabalho guardam, historicamente, uma forte relação em que, ao longo dos séculos, obedeceram, quase em toda plenitude, às ordenações de poder. Compreender os fenômenos, seus significados, valores e sentidos impulsionou o nascer de diferentes caminhos para a construção do saber. Crenças, mitos e o saber comum já ocuparam lugar de destaque na sociedade. O ensino era para poucos favorecidos que buscavam, arduamente, ascender a ciência, no encontro do saber crítico.

De Masi (2010, p.116), ilustra esta questão quando sublinha que “O camponês, o artesão, a dona de casa, o servo, o padre, isto é, a enorme maioria da população explicava qualquer fenômeno [...] com base em causas mágicas, castigos divinos ou inesperadas providências sobrenaturais. Tudo vinha do alto ou de baixo, de Deus ou do demônio”. A

incapacidade de compreensão dos fenômenos e a inexistência de forças para lutar contra os castigos divinos, dominavam o homem e o aprisionava em sua própria crença.

Abolido o medo da punição, a criação das primeiras universidades, as invenções medievais, os saltos científicos, tecnológicos e artísticos impulsionaram mudanças na sociedade. Cenários que atravessaram grandes transformações com o passar dos séculos. A sociedade, o ensino e o trabalho presenciam e participam, ativamente, do correr da história da humanidade.

Provocando um grande salto temporal, destaca-se que, atualmente, presencia-se os efeitos da Sociedade do Conhecimento, que exigem o despertar de novos enfoques e novas perspectivas para a sociedade, o ensino e o mercado de trabalho. De acordo com Ottone (2006, p.7) “A eficácia dos sistemas educativos começou a ser anulada na medida em que o paradigma produtivo da sociedade mudou e passou a ter novas exigências”. Irrompe a necessidade da composição de um diálogo aberto ente estes três importantes vetores do desenvolvimento social. Uma progressiva interação e cooperação de forma a possibilitar que as pesquisas e os saberes produzidos pelas Instituições de Ensino Superior possam ser concretizados em projetos e conhecimentos relevantes para o mercado e para a sociedade.

Em verdade, as universidades são meios essenciais para encorajar a disseminação de saberes, experiências e conhecimentos, aspirando efetivar a capacitação e a qualificação profissional imposta pela Sociedade do Conhecimento. Segundo Lema (2000, p.11) é necessário a formação de “indivíduos adaptáveis e críticos frente as propostas de transformação de um mundo diferente, capazes de compreender e organizar a complexidade da informação, que integrem em sua cultura os novos conhecimentos [...]”. As emergentes propriedades da nova sociedade cobram grandes transformações no planejamento pedagógico do Ensino Superior. O operário, o técnico, o gerente exigido na sociedade industrial é substituído por indivíduos focados na busca de conhecimentos e habilidades. É urgente a necessidade de acompanhar as constantes mudanças. De Masi (2010, p.119) argumenta que “É preciso um ‘direito racional’ e uma nova pedagogia que eduque os jovens para se transformarem em cidadãos, não súditos”. Observa-se a grande necessidade do desenvolvimento de capacidades críticas e reflexivas. Sociedade e ensino

devem caminhar juntos, em passos contínuos visando recursos que possibilitem a formação dos novos profissionais exigidos pelo mundo do trabalho.

A aprendizagem concebida como uma acumulação quantitativa e estratificada da informação será substituída pela dinâmica da geração de conhecimento. Deverá ser criada uma pedagogia que estimule o desenvolvimento de capacidades criativas, ao invés da acumulação informativa. No lugar de se organizar sob o modelo de hierarquias acumulativas, a nova educação será orientada em direção a criação de redes onde a aprendizagem se organiza em espaços modulares, presenciais e virtuais, de forma interativa, ao longo de toda a vida, através do intercâmbio, da cooperação, da circulação horizontal de idéias e do conhecimento. (LEMA, 2000, p.12).

Para Friedman (2009, p.46) “A ideia é aprender sempre. O sujeito está sob avaliação constante. A aprendizagem não tem fim”. A busca do conhecimento se impõe como um dever continuado. É ininterrupto, é interminável, é permanente. Neste sentido, vale citar De Masi (2010, p.65) quando sublinha que “Esse novo paradigma causa medo a todos aqueles que, dentro e fora do mundo do trabalho, escolheram permanecer encafuados no covil das suas tradições consolidadas. Pior para eles”. Não existe espaço para as práticas do passado, a fragmentação e a flexibilidade verificadas no mundo do trabalho são convites para a urgente mudança, para vencer é necessário se adequar ao novo ritmo. Sennett (2005, p.72;73), reforça que “Os verdadeiros vencedores não sofrem com a fragmentação. Ao contrário, são estimulados por trabalhar em muitas frentes diferentes ao mesmo tempo; é parte da energia da mudança irreversível”. Para participar do mercado imposto pela Sociedade do Conhecimento é preciso quebrar o paradigma da rotina que prevaleceu durante anos, atualmente, é necessário um novo olhar, uma nova postura, uma nova atitude.

Verifica-se a movimentação de esforços para encurtar a distância entre a oferta laboral e os conteúdos disciplinares conferidos no Ensino Superior, entretanto, ainda existe um longo caminho a ser percorrido, ainda é grande a defasagem entre as necessidades do mundo do trabalho e os conhecimentos outorgados pelo ensino superior, desajustes que implicam no desgaste da formação acadêmica adquirida. Soma-se a esta questão, o movimento vertiginoso do desemprego. Temas verificados, especialmente, em

países em desenvolvimento. O esgotamento do emprego produz graves consequências na vida do indivíduo, é irrefutável a representatividade social do trabalho.

Razões que imprimem a necessidade de acompanhar as tendências que despontam no mercado, que refletem diretamente na reforma do escopo das profissões existentes e, principalmente, na criação de novos modelos de profissões. Neste sentido, Sodré (2002, p.97) afirma que “A rápida renovação das profissões exigirá da universidade um trabalho de adaptação permanente dos saberes e de estímulo à experimentação científica [...] Sem base científica, não se pode sequer acompanhar o desenvolvimento tecnológico”. Fundamentos que conferem atenção especial na continuada formação acadêmica do novo trabalhador.

A educação do futuro precisa enfrentar a nova lógica global que sustenta a sua própria dinâmica. Um duelo travado entre importantes questões. Segundo Morin (2001, p.36) “de um lado, os saberes desunidos, divididos, compartimentados e, de outro, as realidades ou problemas cada vez mais multidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais e planetários”. A coexistência dessas práticas contraditórias força a rápida revisão dos atuais ambientes de aprendizagem. Revisão direcionada para atualizar a relação entre o mercado laboral, o ensino superior e as práticas sociais contemporâneas.

4. Considerações Finais

É imprescindível acentuar o esforço de aproximação dos interesses das instituições de Ensino Superior aos interesses do mercado laboral, que, atualmente, encontram-se em descompasso, ainda distanciados. Esforço que poderá alcançar nos ambientes informacionais a base sólida para o estreitamento necessário entre esses dois importantes fenômenos do desenvolvimento social.

Os avanços tecnológicos verificados, em grande escala, na Sociedade do Conhecimento, ancorados pela emergência das redes digitais e pelos os efeitos da globalização, manifestam forças para a criação e difusão de espaços construtivos para a conjugação de dinâmicas que conferem a integração e a cooperação. Aproximação,

integração e cooperação que efetivem, intimamente, a lógica entre oferta e demanda do mundo global.

Testemunha-se uma transformação significativa do mercado de trabalho. A mão de obra operária, com seus movimentos repetitivos, da era industrial, é esvaziada pelas exigências decorrentes das novas linhas produtivas que desenham na atualidade. A transição acelerada entre o domínio do concreto, do material para o domínio do imaterial, do intangível obriga a formação de um novo profissional, e, igualmente, exige uma revisão nas práticas de ensino.

A tônica dos discursos empresariais sublinha a necessidade de apostar na inovação como o motor das estratégias competitivas. O novo capitalismo cobra uma mão de obra, cada vez mais, especializada, inovadora e flexível. Liderança, socialidade, autonomia, criatividade e resiliência integram o repertório do novo profissional.

A busca do conhecimento contínuo, do aprendizado das últimas técnicas e o desenvolvimento de novas competências e habilidades se fazem, cada vez mais, presentes. Premissas que favorecem a criação de matrizes curriculares direcionadas, pontualmente, para cumprir as novas exigências. Um currículo modular, mais integrado, menos hierarquizado, aberto e transformador. Questões que encontram nas instituições de Ensino Superior a garantia do seu sustento.

As universidades como espaços de trocas de saberes e experiências devem estimular a formação de sujeitos mais críticos e mais reflexivos, capacitados para o jogo competitivo do mercado global. Razões que fortalecem a necessidade de uma relação dialógica entre as instituições de Ensino Superior, o mercado de trabalho e a sociedade.

Um diálogo aberto, que não se encerra com pequenas conquistas. Um diálogo plural que contemple múltiplas vozes. Um diálogo que busque amalgamar saberes para a compreensão das novas pautas que emergem na Sociedade do Conhecimento que revelam, apressadamente, transformações sociais, culturais, econômicas e políticas. Um desafio contemporâneo.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

_____. **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2007.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura**. v.1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **O poder da identidade. A era da informação: economia, sociedade e cultura**. 3ª. ed. v.2. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.

DE MASI, Domenico. **O futuro do trabalho: fadiga e ócio na sociedade pós-industrial**. 10ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social; As regras do método sociológico; O suicídio; As formas da vida religiosa**. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

FREIRE, Paulo. **A ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FRIEDMAN, Thomas. Loren. **O mundo é plano: o mundo globalizado no século XXI**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrolado**. 3ªed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 24ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

HIRSCH, Joachim. (1996). *¿Qué es la Globalización? Entre concepto y fetiche*. México - Universidad Autónoma Metropolitana Unidad Xochimilco - UAM-X: Globalización, Capital y Estado. Disponible en: <http://navarrof.orgfree.com/Docencia/FSC/ConceptoGlobalizacion.pdf>, 1996.

HOPENHAYN, Martín.; OTTONE, Ernesto. (2007). *Desafíos educativos ante la sociedad del conocimiento*. Chile: Revista de Investigación Educativa

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

Latinoamericana, v.40, nº1. Pontificia Universidad Católica de Chile. Disponible en: <http://pensamientoeducativo.uc.cl/index.php/pel/issue/view/27> , 2007.

LEMA, Fernando. *Sociedad del conocimiento: ¿desarrollo o dependencia*. Montevideo: UNESCO, Universidad de la República Oriental del Uruguay. Trabajo, género y ciudadanía en los países del cono sur, 2000.

_____. *La construcción de la sociedad del conocimiento en América Latina. La diáspora del conocimiento*. Estudios Avanzados Inter@ctivos. Disponible en: http://lauca2.usach.cl/revistaidea/html/revista%205/pdf/Fernando_ lema.pdf, 2003.

MILLS, C. Wright. *La imaginación sociológica*. 3ª ed. México: FCE: Fondo Cultura Económica, 2003.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 3ªed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2001.

OTTONE, Ernesto. *América Latina en el marco de la globalización: la apuesta educativa*. Costa Rica: CEPAL, XXIV Curso Interdisciplinario en Derechos Humanos, 2006.

PRADO, Cláudio; CAMINATI, Francisco; NOVAES, Thiago. **Sinapse XXI: novos paradigmas em comunicação**. In: Barbosa, André Filho; Castro, Cosette; Tome, Takashi (orgs). *Mídias Digitais: convergência tecnológica e inclusão social*. São Paulo: Paulinas, 2005.

ROJAS-LEÓN, Alexis. *Aportes de la sociología al estudio de la educación* – Autores clásicos.

Revista Educación, v.38. Disponible en: <https://revistas.ucr.ac.cr/index.php/educacion/article/view/14376/13680> , 2004.

SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____. *A cultura do novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SODRÉ, Muniz. (2002). *Antropologia do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.

TAPSCOTT, Don.; WILLIAMS, Anthony, D. *Wikinomics: como a colaboração em massa pode mudar o seu negócio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. **ISSN 2594-8806**

TERSSAC, Gilbert de. *Trabajo y sociología en Francia ¿Hacia una sociología de las actividades profesionales?* Dossier especial Tendencias de la Sociología del Trabajo. Revista Latinoamericana de Estudios del Trabajo • Año 10, N° 17. Disponible en: http://alast.info/relet_ojs/index.php/relet/article/view/253 , 2005.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. 2ªed. rev. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

WERTHEIN; Jorge. (2000). *A sociedade da informação e seus desafios*. Brasília: Ciência da Informação - IBCICT, v.29, nº2. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n2/a09v29n2.pdf> , 2000.

Recebido: 4/8/2020. Aceito: 1/12/2020.

Autora:

Shyrlei Guitério Calmon Du Pin - Universidade Estácio de Sá – UNESA / RJ

E-mail: sguiterio@gmail.com